

# MASON CROSS

A NOVA ESTRELA DO THRILLER

«Os leitores vão ficar extasiados.»

*Publishers Weekly*

# O SAMARITANO

Elas pensavam que ele queria ajudar...  
Estavam enganadas.



TOP  
SEL  
LER

# OITO ANOS ANTES

## NEVADO HUASCARÁN, PROVÍNCIA DE YUNGAY, PERU

Vi Murphy rastejar até à beira da plataforma e levar os binóculos aos olhos, focando-os sobre um local a alguns quilómetros de distância, onde a estrada emergia de um estreito desfiladeiro de montanha. Ali ficou, imóvel, durante uns bons cinco minutos. O tempo suficiente para que uma fina camada de neve lhe cobrisse as costas.

— Não vêm lá.

— Que queres fazer? — perguntei. — Desistir? Ir para casa beber um chocolate quente?

Virou o pescoço e olhou para mim.

— Não te percebo, homem. Pareces muito interessado na caçada e, depois quando estamos a chegar ao fim, ficas... não sei. Desligado. Que se passa? Sei que não tens medo.

— O trabalho mais difícil já está feito — disse eu. — Já não precisam de mim.

— Mesmo assim, reparo que nunca recusas a oportunidade de trabalhar no final dos projetos.

— Gosto do ar livre.

Murphy voltou para trás, arrastando os pés, e sentou-se ao meu lado, batendo com as mãos enluvadas nas pernas para as libertar do pó da neve.

— É ar livre demais para mim. O chocolate quente até me parece bem. Que diabo se passa com o tempo?

— É normal — disse eu.

— Ontem estava calor.

— É o El Niño. Ontem foi uma aberração, não hoje. Assim é que deve ser.

— Pensei que o El Niño era no México.

— Acontece em toda a América do Sul.

— Como sabes essas merdas todas?

Encolhi os ombros olhando para a estrada ao longe.

— Não, a sério — prosseguiu. — Como sabes tudo? Tipo, como sabias que vinham por este caminho?

— Não sei.

Olhou para mim uns segundos e, depois, abanou a cabeça. Olhou de novo para a estrada e, a seguir, lá para baixo para a encosta, 15 metros mais abaixo.

— Julgas que o Crozier colocou bem os fios?

— Ele sabe o que faz.

Uma pausa.

— Não gosto dele. Do Crozier.

Espicaçou-me o interesse. Fosse porque fosse, as pessoas não gostavam de Crozier. Era quase como se receassem falar do assunto. Eu trocara uma ou duas palavras com o homem, as suficientes para me convencerem a manter a distância.

— É muito calado — disse, sem me comprometer.

— Não é só calado; é um maldito psicopata.

— Está na equipa certa.

— Não, homem, não compreendes. Ouviste falar de Baqubah, há uns meses?

— Claro. Apanhou cinco ou seis maus. Aquilo dos reféns não foi culpa dele.

— Foram seis. Não viste. Não viste o que ele lhes fez.

Voltei a cabeça e olhei para ele, à espera que continuasse. Comparado com os outros, Murphy era praticamente um fala-barato.

— Falo a sério. Foi como se deixassem ali o Ted Bundy<sup>1</sup> à solta.

— Ele é atirador. É para isso que lá está.

Murphy fez uma pausa como se pesasse cuidadosamente as suas próximas palavras.

— Conheces a história.

Conhecia a história. Ouvira-a de várias fontes e não tinha a certeza se deveria acreditar nela ou descartá-la como equivalente a mexericos infundados num qualquer local de trabalho. Mas era estranho: tinha a sensação de que com Crozier tudo era possível.

— Ovi uns boatos.

---

<sup>1</sup> Terrível assassino em série da década de 1970. [N. da T.]

Murphy agarrou-me o ombro e obrigou-me a olhar para ele. De repente parecia precisar que eu o escutasse.

— É a verdade.

Fiz uma pausa, sem saber o que responder. Depois vi o brilho do sol refletido em vidro ou em metal, a mais de um quilómetro de distância.

— Já chegaram.

**2015**

**SÁBADO**

# 1

## LOS ANGELES

As pessoas enlouquecem quando chove em Los Angeles.

É um truísmo, mais uma das excentricidades especiais que surgem numa grande cidade. Mas, como quase sempre acontece, há verdade num truísmo. Embora Los Angeles não seja desprovida de precipitação, esta é suficientemente rara para ser considerada um acontecimento especial quando ocorre. E por essa razão, os Angelenos não estão habituados a conduzir à chuva, o que faz com que alguns percam a calma. Conduzem com demasiada velocidade ou com demasiada lentidão. Talvez descrevassem as curvas apertadas como se o tempo estivesse seco. O facto de a cidade estar concebida para as condições do deserto também não ajuda. O sistema de esgotos vê a sua capacidade imediatamente ultrapassada, causando inundações e lençóis de água. As grades de escoamento na superfície das estradas enchem-se rapidamente e criam uma superfície propícia ao *aquaplaning*. As estatísticas não mentem: os acidentes de trânsito aumentam 50 por cento, quando chove. Uma loucura.

Kelly pensava nisto enquanto conduzia o *Porsche Carrera 911* pela serpenteante via de duas faixas de asfalto que era Mulholland Drive. A chuva torrencial inundava-lhe o para-brisas como se estivesse numa lavagem automática e o efeito era quebrado mais ou menos a cada segundo pelo movimento acelerado do limpa-para-brisas. Nesse momento, conduzir parecia ser uma loucura, ponto final. Parecia uma loucura, por muito cuidadoso que se tentasse ser.

Kelly agarrava o volante com força e inclinava-se sobre ele, como se os 15 centímetros a mais de proximidade do vidro fizessem diferença. Vivera toda a vida em Los Angeles e não se lembrava de uma chuva assim. O ponteiro do conta-quilómetros dançava perto dos 30, a máxima velocidade a que se permitia seguir, por causa da ribanceira que se precipitava do seu lado direito. Mesmo assim, perguntava a si própria se não deveria arriscar uma pequena pressão no acelerador para poder seguir

talvez a 50. Preocupava-a que pudesse vir outro carro atrás dela que não tivesse tempo de travar. Alguém menos cuidadoso. Alguém que conduzisse com pressa demais.

Só um louco para acelerar numa estrada como aquela numa noite assim, mas era assim mesmo: as pessoas enlouqueciam. Numa solução de compromisso, permitiu que o ponteiro subisse aos 40. Respirou com força pelo nariz e tentou não pestanejar.

Mulholland era uma estrada estranha, construída havia muito tempo para condições de tráfego menos intensas. Serpenteava por entre as residências das estrelas, mas também por zonas rurais que pareciam o fim do mundo. Muitas curvas bruscas a seguir a descidas muito inclinadas. Kelly não estava familiarizada com a estrada em circunstâncias mais favoráveis, mas nessa noite até podia estar do outro lado do planeta.

Aparentemente, saíra do *Sloan's* horas atrás. Arriscou uma olhadela ao relógio do tabliê e apercebeu-se que haviam passado apenas 25 minutos.

Vinte e cinco minutos antes, a proposta parecera-lhe atraente, quando se sentara atrás do volante do novo brinquedo de Sarah. Dez minutos depois, quando os céus se abriram, Kelly lamentou imediatamente a sua decisão.

Eram cerca de 25 ou 30 quilómetros do bar a casa de Sarah. Nos primeiros dez minutos fizera um bom tempo, pois felizmente não chovia e havia pouco trânsito na 405 àquela hora da noite, na capital do automóvel do planeta Terra. Quanto faltava? Oito quilómetros? Dez? Naquelas condições poderia levar a noite inteira.

Kelly susteve a respiração e tocou ao de leve no travão numa curva mais apertada do que aparentara. Era difícil aperceber-se naquela escuridão e com tanta chuva. Não havia candeeiros de iluminação pública e os faróis iluminavam uma ridícula distância de estrada à sua frente, antes de se dissolverem em escuridão. Fora uma estupidez, pensou de novo. Uma... loucura. Devia sair da estrada na primeira oportunidade — talvez num dos miradouros, e esperar que a chuva passasse.

Só que não havia maneira de saber quando acabaria a chuva e a amiga contava com ela. O pai de Sarah estaria em casa à uma da manhã e se o *Porsche* não estivesse na garagem, iria sem dúvida ao quarto dela.

Por mais incrível que parecesse, a chuva aumentava de intensidade, como se troçasse dela. Os intervalos entre os movimentos do limpa-para-brisas eram cada vez menos eficazes.

Kelly apercebeu-se de que o rádio estava ligado numa estação local de *rock* clássico. *Black Hole Sun* dos Soundgarden. Por um segundo esboçou um sorriso, imaginando o que o seu próprio pai diria se soubesse que um disco de meados dos anos 1990 era considerado um clássico.

Depois, foi obrigada a voltar à realidade. No instante entre a passagem do limpa-para-brisas e um novo lençol de água, os faróis do *Porsche* mostraram a forma escura de algo que, na estrada, obstruía a faixa de rodagem. O limpa-para-brisas apresentou outra imagem estroboscópica da estrada em frente e apercebeu-se de que se tratava de terra e entulho — um deslizamento de terras proveniente da encosta do lado esquerdo que deixara um intervalo perigosamente pequeno na estrada. Sustendo a respiração, Kelly travou e dirigiu-se ao estreito espaço vazio entre o monte de destroços e a ribanceira da beira da estrada.

*A Sarah vai matar-me*, pensou ao sentir que a roda dianteira do lado do condutor embatera numa pedra semelhante a um tijolo e, ao mesmo tempo, avistou a ribanceira do lado direito.

Depois o *Porsche* esgueirou-se pelo espaço livre, sem tocar no obstáculo e, por pouco e por milagre, manteve as quatro rodas na estrada.

Deixou sair o ar e tossiu, grata e culpada ao mesmo tempo, como se tivesse escapado a uma bala. Desviou-se da ribanceira, com os olhos fixos na estrada, atentos a faróis em sentido contrário. Sem afastar o olhar, desviou timidamente a mão do volante, pela primeira vez nos últimos dez minutos, estendendo-a para desligar o rádio. A voz de Chris Cornell desvaneceu-se, deixando apenas o tamborilar da chuva no vidro.

*Menos uma distração*, pensou enquanto voltava a colocar de novo a mão no volante. *Menos uma...*

Uma pancada ruidosa penetrou o ritmo da chuva como um tiro e Kelly sentiu a traseira do carro deslizar debaixo dela. Um furo?

O carro guinou para a direita em direção à ribanceira. Kelly fez girar o volante para a esquerda. O veículo ignorou-a, continuando a inexorável curva em direção à ladeira de mais de 60 metros e ao esquecimento. Não havia ali qualquer barreira, porque este trecho da estrada era relativamente reto. Mas apenas se o carro estivesse controlado.

*Oh merda. Manobro na direção da ribanceira? Ou no sentido contrário à ribanceira? O que devo fazer para...*

De repente, conseguiu controlar o *Porsche*. O volante trancou e o carro endireitou-se. Kelly inclinou-se para o travão, ouvindo o arranhar do

metal quando tocou na berma da estrada e parou, por fim, à beira do precipício.

Um breve momento de euforia — Kelly tivera a certeza de que ia morrer, mas, afinal, ainda estava viva — para logo se sentir preocupada. Teria dado cabo do *Porsche* novo de Sarah? No bar, a amiga garantira-lhe não saber quanto custara, mas Matt dissera em voz baixa, no seu habitual tom de leve reprovação, qualquer coisa como mais ou menos cem mil dólares.

A chuva continuava a cair, inexorável, como se tentasse impedi-la de pensar, de organizar o seu cérebro, de reconstruir o que se passava e o que poderia fazer a seguir. Mas, antes de poder começar a pensar acerca dos milhares de dólares de prejuízo que certamente causara, essas preocupações e outros pensamentos desapareceram em presença de um novo perigo.

Estava sentada num veículo imóvel, na escuridão, no meio de uma tempestade e numa estrada estreita, junto a uma ribanceira.

Procurou freneticamente o puxador da porta, encontrando-o depois de uma eternidade e conseguindo por fim abri-lo. Saiu do carro para o dilúvio. Foi como mergulhar num lago, completamente vestida. Levou a mão à testa para afastar a chuva dos olhos, e semicerrou-os para olhar para a estrada, e para ambos os lados. Como não visse qualquer luz, voltou para junto do carro e tirou a chave da ignição. Depois deu a volta para abrir a mala, antes de se lembrar de que se tratava de um *Porsche*, motor atrás, mala à frente. Contornou de novo o carro, na esperança de encontrar um casaco, um guarda-chuva, uma lona... qualquer coisa. Nada. A mala estava completamente vazia. *Que raio!*

Olhou de novo para a estrada. A seguir deu nova volta ao *Porsche*, para se inteirar dos danos o melhor que lhe era possível. Miraculosamente a carroçaria parecia intacta, a pintura prateada cintilava através da cortina de água. Quando chegou à roda traseira do lado esquerdo, é que viu os verdadeiros estragos. O pneu estava rasgado, a ponto de as jantes tocarem praticamente no asfalto. Calculou que tivesse sido essa a causa do maldito guincho, quando parara repentinamente. Praguejou, desta vez em voz alta, e limpou mais uma vez a chuva dos olhos.

Uma centelha de luz obrigou-a a desviar a cabeça. Um carro, a cerca de 100 metros, embora não conseguisse ouvir o motor por causa da chuva, dirigia-se para o local onde ela se encontrava. Kelly correu para a estrada, na sua direção, a agitar os braços e a gritar.

Envergava um top de alças, preto, e calças de ganga. Melhor seria ter vestido algo mais visível. O carro, um *Ford*, passou por ela, desviou-se quando viu o *Porsche* parado, e quase bateu no guarda-lamas traseiro do lado do condutor, que se inclinava para a faixa contrária.

O idiota tivera o descaramento de buzinar com toda a força e seguir alegremente o seu caminho. Kelly rezou para que ele batesse na obstrução que lhe rasgara o pneu, mas o *Ford* continuou para lá desse ponto e ultrapassou o deslizamento de terras do lado oposto, antes que a luz dos faróis traseiros desaparecesse.

Kelly estava agora encharcada até aos ossos. Correu de novo para o carro e abriu a porta. Tinha a mala sobre o assento do passageiro, com um ar ligeiramente pindérico sobre os elegantes estofos de cabedal. Agarrou nela e sentou-se de novo atrás do volante, ponderando o risco de passar outro carro em troca de uns momentos de folga da chuva. Dizem que se deve sair do carro e ficar junto à estrada numa situação como esta, mas quem o dizia não estava completamente encharcado. De qualquer forma, veria os faróis a tempo... ou não? Voltou-se no assento e concentrou-se na estrada atrás de si, enquanto metia a mão dentro da mala, levantando e separando os detritos acumulados no seu interior para localizar o telemóvel pelo tato. As mãos fecharam-se em volta do objeto fino, muito seu conhecido, e retirou-o para fora. Não valeria a pena telefonar a Sarah para lhe dizer o que acontecera. Partindo do princípio que ela atendesse, a sua noite com Josh ficaria estragada.

Teria de descartar o Automóvel Clube. Kelly não tinha carro e, a menos que o seu gerente decidisse espontaneamente duplicar-lhe o ordenado, duvidava que pudesse comprar um em breve. Restava-lhe uma opção: o pai.

Mas quando Kelly tocou na tecla para ativar o ecrã, este manteve-se teimosamente escuro. Maldita Apple. Quatrocentos dólares por um telemóvel que não lhe oferecia mais de oito horas de bateria carregada, isso se não o usasse muito. E ela usara-o muito no bar, tirara fotografias, consultara o *Facebook*, telefonara a Matt porque este estava atrasado, procurara no *Google* a receita de um cocktail para acabar com uma discussão...

Ótimo. Um carro morto, um telemóvel morto. Como é que aquela noite poderia ficar pior?

Kelly saiu de novo do carro para mais uma vez entrar na monção, olhando para os dois lados da estrada. Nada. Refletiu sobre as suas opções.

Duvidava ser fisicamente capaz de empurrar o carro para a berma da estrada, mesmo com quatro pneus bons. Com um rebentado, não havia hipótese. Estava presa no fim do mundo, sem casaco, sem telefone e quase sem esperança.

Mas, depois, um raio de luz.

Viu que de cima vinham faróis, de repente deixou de os ver para logo aparecerem, a iluminar a curva da estrada. Atravessou de novo e, desta vez, colocou-se o mais que se atreveu no meio da estrada. Agitou os braços e gritou com mais força. Saber que o seu telemóvel não funcionava conferiu aos seus gritos uma urgência redobrada.

A 50 metros da sua posição, o veículo começou a abrandar quando o condutor a avistou. Ao aproximar-se, Kelly viu que se tratava de uma carinha de caixa aberta. Ainda bem, talvez tivesse um guincho ou qualquer coisa que ajudasse a retirar o *Porsche* da estrada. Mas estava a antecipar-se. Primeiro, era preciso que ele parasse. Kelly acenou, desta vez aos saltos, preocupada com a possibilidade de que o condutor pudesse acelerar e passar por ela como fizera o outro. Mas tal não aconteceu. A carinha escura — era impossível discernir a cor, mesmo que vagamente — parou junto dela sem desligar o motor. A janela do lado do condutor desceu lentamente. Kelly espreitou o interior. Entre a chuva e a falta de iluminação pública, não conseguia distinguir quem estava lá dentro.

— Olá! — disse, pouco segura.

Por fim, a escuridão alterou-se um pouco e uma cabeça apareceu à janela. *Um homem*, pensou, embora não pudesse ter a certeza. Uma voz profunda, mas baixa, falou, quase perdida por entre o som da chuva.

— Precisa de ajuda?

O homem usava um boné de basebol azul ou verde-escuro, sem qualquer logótipo, a pala puxada para baixo, de modo que três quartos do seu rosto estavam na escuridão, deixando entrever apenas o queixo barbeado.

Kelly engoliu em seco e sentiu um arrepio que nada teve que ver com a roupa encharcada. Não teve a certeza se se tratava da voz ou da sensação primitiva e instintiva resultante de não poder ver distintamente o rosto dele. Porém, de repente, sentiu uma estranha urgência de dizer àquele condutor que estava tudo bem, que esperaria pelo próximo carro.

Mas não tinha opção. Numa noite assim, seria uma estupidez... não, uma perfeita loucura, desprezar a oferta.

— Sim — acenou com a cabeça. — Sim, preciso mesmo de ajuda.

## 2

### FORT LAUDERDALE

Sábado à noite, na baixa de Fort Lauderdale. Parecia-me estar longe da praia. Embora o sol se tivesse posto havia várias horas, o bar estava notoriamente fresco em comparação com o exterior. Demasiado fresco para o meu gosto. Era como entrar num frigorífico. Fiz uma pausa junto à porta, para examinar a sala, procurando informações importantes.

Tinha um teto baixo e paredes pintadas de negro, uma ou duas décadas antes. Um espaço relativamente grande, com poucos clientes para um sábado à noite. Talvez cerca de duas dezenas. Do outro lado, um balcão a todo o comprimento da sala, que terminava numa curva, antes de chegar a um corredor onde se situavam as casas de banho e a saída de emergência. Mesas circulares, enfeitadas com velas enfiadas em garrafas vazias. Desci os dois degraus da entrada e atravessei a sala, examinando os rostos como se procurasse um amigo. A maioria da clientela era constituída por casais e pequenos grupos, exceto uma loira solitária numa das mesas de canto, que olhou para mim quando entrei, para logo afastar a vista. Não me detive mais tempo no rosto dela do que no dos outros. De resto havia uma mistura vulgar de frequentadores habituais e turistas perdidos.

O único sinal de alarme soou quando os meus olhos avistaram um homem de cabelos escuros sentado junto à máquina dos discos. Olhou-me nos olhos, examinou-me enquanto eu passava e depois desinteressou-se. Tinha o nariz partido e mãos enormes. Um pugilista, mas não necessariamente bom. Usava um casaco de cabedal. Fazia conjunto com dois cavalheiros semelhantes que eu vira lá fora, na rua. Interessante, embora nada tivesse que ver comigo. Guardei-o para referência futura e sentei-me no bar, na esquina adjacente à saída de emergência.

A posição conferiu-me a melhor vista da sala. Passei de novo os olhos pelos rostos e acenei quando o *barman* se aproximou. Resisti ao impulso de pedir uma cerveja fresca, optando por uma água gaseificada, com uma

rodela de limão. Sem álcool, mas suficientemente parecida com uma bebida verdadeira, para evitar indesejáveis atenções.

Bebi aos poucos e tentei ignorar o *Europop* que saía pelos altifalantes, a metro e meio do meu ouvido esquerdo: o único senão da minha posição estratégica. Movimentei mais uma vez a cabeça da direita para a esquerda, para renovar a imagem que tinha da sala. O rapaz da máquina dos discos não mudara de posição. Os meus olhos passaram para o canto noroeste do bar, onde a loira estava sentada. Só que já lá não estava. Tinha-se levantado do seu lugar e agora caminhava na diagonal para o banco em que eu me empoleirara.

Ao aproximar-se, confirmei que o seu cabelo comprido e encaracolado estava convincentemente — e, como tal, dispendiosamente — pintado. Usava calças de ganga, uma blusa negra que deixava entrever um pouco da barriga e botas de couro com saltos de 7 centímetros. Do ombro direito pendia-lhe uma pequena bolsa de cabedal.

Desviei os olhos para a porta, como se esperasse que alguém viesse em breve ter comigo. A loura deteve-se quando chegou ao balcão e pôs os braços nele. Sentou-se no banco alto, ao lado do meu, embora isso significasse que tivera de se desviar cinco passos do seu caminho para lá chegar. Como tal, queria, deliberadamente, sentar-se ao meu lado. E isso significava uma mudança de planos.

Olhou em frente e pediu um shot de *Stoli*, mas, depois, voltou-se para mim e sorriu.

— Olá!

Correspondi ao sorriso e tentei ler-lhe a expressão. Saberia a razão da minha presença ali? Suponho que não estivesse fora do âmbito das possibilidades aperceber-se de que alguém a procuraria e que devia estar atenta a um determinado tipo de pessoa. Mas aí é que está: eu esforço-me bastante para não ser nenhum tipo em particular.

— Gosto desta canção — disse ela, passado um minuto, e depois observou-me com um sorriso de falsa timidez.

— Como se chama?

Decidi que não tinha de me preocupar. A loura não sabia quem eu era. Não passava de uma miúda atiradiça num bar, fingindo-se interessada num desconhecido solitário que acabara de entrar. E acentuo o «fingindo-se».

— Chamo-me Blake.

— Fixe! — Acenou com a cabeça, como se o nome significasse alguma coisa. — Chamo-me Emma. Está acompanhado?

Parecia demasiado insistente, como um vendedor de seguros pelo telefone a dez minutos do fim de um turno que corra mal. Ninguém com o aspeto dela teria de engatar um homem num bar. Ninguém assim teria sequer de abordar um homem. Por isso, qual seria o esquema?

Preparei-me para me manter perplexo; o exercício mental não era bem-vindo. Decidi ver em que daria tudo aquilo.

— Diga-me você.

Ela sorriu e pousou a mão no meu braço esquerdo, logo abaixo do ombro. Senti através da camisa um ligeiro apertão, como se o quisesse experimentar e depois compreendi para que me queria.

Baixou a mão quando o *barman* regressou e atirou um guardanapo para cima do balcão, colocando o copo de shot sobre ele. Olhou para o meu copo meio cheio e eu abanei a cabeça.

— E o que faz você, Blake?

Ponderei a resposta e decidi que não havia razão para mentir.

— Sou uma espécie de consultor.

Semicerrou os olhos.

— Que tipo de consultor?

— O tipo normal — disse eu. — As pessoas pagam-me para resolver os problemas que não são capazes de resolver.

Ela riu como se eu lhe tivesse contado a piada do século e emborcou o shot.

— Resolve *problemas*. Espetacular.

— Tento agradar.

— E na sua opinião qual é a qualidade mais importante para se ser consultor?

— Porquê? Quer ser consultora?

— Talvez.

— Então creio que terei de dizer que será a improvisação.

— Boa. — Inclinou-se mais e murmurou com os fortes vapores da vodca no hálito. — Quer sair daqui para fora?

Olhei para a porta e depois para ela.

— Agora?

Ela assentiu e o seu tom tornou-se conspirativo.

— Escute, há dois fulanos lá fora à minha espera...

— Fulanos que preferia evitar?

— Exatamente.

— Dois fulanos?

— Foi o que disse, não foi?

— Só queria assegurar-me.

Ela riu, pouco à vontade, como se eu não tivesse percebido.

— Bom, não haverá problemas, nem nada disso, se me levar ao meu carro.

Li-lhe um medo súbito no olhar, uma centelha de preocupação, que me pôs de sobreaviso. Significava que ia haver problemas, isso era certo. Provavelmente muito mais do que os que ela previa.

Voltei a sentar-me no banco e bebi um gole da água gasosa, como se considerasse cuidadosamente a proposta. O *barman* tratava dos clientes do outro lado do balcão. Nada mau.

— Onde está o seu carro? — perguntei.

— Ali fora. Um *coupé* vermelho.

Era verdade. Vira um pequeno *Audi A5* vermelho, estacionado junto ao passeio, a 20 metros da porta da frente.

Encostei-me de novo, mantendo a voz baixa, principalmente em seu benefício; ninguém podia ouvir-me por cima da música, mesmo que eu gritasse o mais alto possível.

— Muito bem. Vai fingir que eu a insultei. Vai levantar-se e dirigir-se à casa de banho das senhoras. Há uma saída de emergência ao fundo do corredor, atrás de mim. Use-a e espere por mim.

Pareceu desconcertada por momentos, provavelmente por pensar que eu não tomaria conta do assunto. Recompôs-se rapidamente, mostrando a sua concordância com um sorriso breve e travesso, a primeira coisa genuína desde que começara a falar comigo.

Empurrou violentamente o banco e levantou-se, revirando os olhos desdenhosa e afastou-se. Fiquei satisfeito por não ter exagerado, dando-me uma bofetada ou talvez gritando. Era muito melhor a fingir-se irritada do que a mostrar um interesse romântico.

Vi-a afastar-se e aguardei uns segundos. Conforme esperava, o homem do casaco de cabedal levantou-se do assento e dirigiu-se ao corredor. Sabia ler tão bem como eu. Sabia que havia uma saída nas traseiras. Era por isso que estava no bar, enquanto os amigos esperavam lá fora. Olhou para mim quando passei. Fingi não reparar.

Levantei-me e segui-o, quando apressou o passo. As portas das casas de banho ficavam à esquerda e o corredor desaparecia num canto à direita, outro sinal que apontava o caminho para a saída de emergência.

— Com licença — disse eu.

Quando se voltou, desferi-lhe todo o meu peso num murro curto e rápido na cana do nariz. Gritou de dor e avançou, agarrei-lhe a cabeça e esmaguei-a no meu joelho. Ele caiu no tapete manchado de cerveja, inconsciente. Olhei para trás para confirmar que o grito de dor fora disfarçado pela música e pus um joelho no chão para o apalpar. Encontrei a pistola num bolso interior do casaco. Era uma *Heckler & Koch HK45*. De especificações aproximadamente militares — definitivamente problemática. Retirei-a e meti-a na parte de trás do meu cinto.

Avancei rapidamente pelo corredor e encontrei a loura junto à saída de emergência já aberta. O seu verdadeiro nome não era Emma, claro. O seu verdadeiro nome era Caroline Elizabeth Church. Tinha 24 anos. A sua carta de condução do estado de Massachusetts descrevia-a como medindo 1,80 metros, cabelo e olhos castanhos. Duas das três características coincidiam com a pessoa que tinha na minha frente.

— O meu carro está ali à frente — disse, parecendo não perceber a alteração no corredor.

— Esqueça — disse eu.

Agarrei-lhe um braço e saímos pela saída de emergência para um beco estreito e imundo. Havia contentores de lixo encostados à parede, alguns a transbordar, com os detritos espalhados pelo cimento esburacado. O beco terminava numa rua sem saída à direita. Quinze metros à minha esquerda, dava para a estrada que atravessava a rua principal. Os edifícios de ambos os lados tinham um ou dois andares. Viam-se as paredes brancas das traseiras dos bares e restaurantes e dos escritórios anónimos. Se andássemos depressa, poderíamos sair para a rua, dar a volta ao quarteirão e entrar no meu *Honda* alugado sem que os dois tipos fora do bar dessem por isso. Partindo do princípio que ainda não tinham saído da posição anterior, claro.

Comecei a andar rapidamente em direção à rua, confiando que Caroline me seguiria. Não me desiludiu.

Trotou sobre os saltos até se encontrar ao meu lado.

— Que diabo quer dizer com isso de «esqueça»?

A saída do beco estava limpa. Observei os telhados baixos.

— Os dois fulanos lá à frente... quem são?

— Mais devagar!

Parei e olhei para ela.

— Quem são?

Ela desviou o olhar.

— Ninguém. Apenas um ex-namorado. Começou a ficar sinistro. Não me deixa em paz.

— É só um ex? — perguntei, voltando-me para continuar a caminhar.

Caroline apanhou-me de novo, surpreendentemente rápida, apesar dos saltos.

— Sim. Porquê?

Havia curiosidade na voz dela. Sabia que eu sabia que ela retinha informação e estava mais interessada em perceber como do que em esconder os seus segredos.

— Porque os vulgares ex-namorados sinistros estacionam diante da casa das ex-namoradas e enviam-lhes mensagens obscenas para o *Facebook*. Se forem de facto corajosos, podem até chegar ao confronto físico. Geralmente não trazem consigo lacaio armado. A menos que já haja alguns por aí.

— Quem é o lacaio armado?

Tirei a pistola do bolso e segurei-a na palma da minha mão. Ela abriu muito os olhos.

— Era de um terceiro fulano que estava no bar. Aquele de quem você ignorava a existência. Trata-se de uma pistola *HK45 Compact Tactical*. Custa cerca de 1200 dólares. Não é um modelo simples. Quem é o seu namorado?

— Ora, merda. Ele *disse* que me ia matar, mas...

Chegámos à entrada do beco. Fiz sinal a Caroline para se colocar na minha retaguarda e mantive a pistola em baixo, com o dedo no gatilho. Espreitei à esquina e dei por mim diante do cano de outra arma.

O que significava nova mudança de planos.

### 3

O ex-namorado de Caroline era o mais alto dos dois homens que eu vira no exterior. Parecia ter 40 e muitos anos, mas estar em boa forma, cabelo negro, bem-parecido, com feições angulares. A combinação do casaco de cabedal de marca, arma cara e expressão desinteressada nos olhos cinzentos, disse-me tudo o que precisava de saber.

Fez-nos sinal para que voltássemos para o beco e saíssemos da rua e disse-me que largasse a arma. Obedeci. Olhei-o nos olhos e vi que neles havia mais do que a princípio aparentava: calculismo, determinação, o que não era mau. Isto é, não estava a lidar com um psicopata.

Ergui lentamente as mãos, olhei mais uma vez para a rua e confirmei que estava só. Calculei que o outro ainda estivesse a cobrir a parte da frente.

— O que é isto, Lizzie? — perguntou, lançando um olhar à jovem possuidora de uma longa lista de pseudónimos. — Já arranjaste outro homem?

Falava com um leve vestígio de sotaque. Se tivesse de adivinhar diria que era sérvio. Fazendo o cálculo a partir da idade e do desejo de apontar armas às pessoas, parecia-me razoável apostar que fosse um veterano do Kosovo. A voz reforçou a minha impressão de que se tratava de um homem calmo e determinado. Também me dizia que não tinha perseguido Caroline puramente devido aos seus estratagemas femininos.

— Não é ninguém, Zoran — disse ela. — Deixa-o ir.

Não olhou para ela, mas sim para mim e agradeceu-me ver uma centelha de consternação no seu rosto. Tínhamos ambos um problema: era eu que tinha a arma apontada ao rosto, mas era ele que tinha de decidir o que fazer com ela. Um homem irracional dispararia contra mim e deixar-me-ia a sangrar no passeio. Se a minha análise deste homem estivesse certa, ele não era pessoa para desejar enfrentar as consequências potenciais a menos que tivesse uma boa razão.

Zoran não afastara os olhos da minha pessoa durante todo este tempo. Era uma maneira de agir inteligente, pois não me dera o segundo necessário para lhe tirar a arma. Significava também que não pudera olhar para baixo, para examinar a que eu trazia e talvez identificá-la como pertencendo ao homem do bar. Deixava em aberto a possibilidade de me subestimar.

Pelo canto do olho, consegui ver Caroline tensa, como se pesasse a possibilidade de fugir. Esperei que não o fizesse. Provavelmente seria uma má decisão para ambos, particularmente para mim. Por momentos, ninguém disse nada. Ouvi o ruído surdo de um comboio em direção a norte na linha Tri-Rail, uns quarteirões mais adiante.

— O que deseja? — perguntei ao homem do cabelo negro, fixando os olhos nos dele, para que soubesse que não se tratava de uma pergunta retórica. Éramos apenas dois homens a discutir a melhor forma de resolver um problema mútuo.

Zoran acenou a Caroline Church, sem afastar os olhos dos meus.

— Acordei há dois dias e ela tinha-se ido embora. E desapareceram 15 mil dólares do meu apartamento.

— Muito bem — disse eu. Depois, sem me voltar para Caroline, dirigi-me a ela. — Dê-lhe as chaves do seu carro.

— Como?

— Não quero saber do carro, amigo — afirmou Zoran em voz baixa. — Quero o dinheiro.

Pelo tom da voz, percebi que estava a mentir e que não se tratava de dinheiro. Ou que pelo menos, não seria isso o mais importante. Era o princípio — um homem, na sua posição, não podia ser roubado daquela maneira.

Acenei na direção de Caroline.

— Ela passou a última noite num hotel na North Andrews Avenue e pagou a conta hoje de manhã. Se ainda tiver o seu dinheiro, estará no Audi *coupé* ali à frente.

Caroline começou a dizer.

— Como diabo é que... — mas depois calou-se.

E a seguir fugiu.

Zoran fez um cálculo rápido.

A escolha seria entre ficar comigo ou perseguir Caroline. Se ficasse comigo perderia de novo o dinheiro e a oportunidade de reparar o caso.

Se perseguisse Caroline deixar-me-ia com a arma que eu deixara cair. Fez o movimento inteligente, o mais cruel. Mas não foi suficientemente rápido.

Quando puxou o gatilho já eu mergulhara para apanhar a pistola. Uma bala de calibre .45 cravou-se na parede atrás de mim, onde, um momento antes, estivera a minha cabeça. Quando cheguei ao chão, bati com força com o salto do sapato na dobra da perna de Zoran, enquanto simultaneamente pegava na arma que ele deixara cair. Ele dobrou o joelho e caiu ao mesmo tempo que os meus dedos se fechavam em volta da arma. Hesitou um pouco, recuperou rapidamente e começou a levantar a arma em direção ao meu rosto. Esmaguei-lhe o pulso com o meu punho esquerdo e a arma disparou. O tiro ecoou e reverberou nas paredes do beco. Antes que pudesse disparar de novo, encostei-lhe o cano da *H&K* à testa, para ficar equidistante dos olhos dele. Estes brilharam momentaneamente de surpresa e depois semicerraram-se.

— Não seja idiota — aconselhei.

Tinham passado apenas segundos desde o disparo, mas fiquei consciente de dois sons que marcaram a passagem do tempo. Os passos de Caroline Church a extinguirem-se na noite e o som de vozes na direção oposta. Agora, era eu que me via num dilema. Só que não era exatamente verdade. Era Zoran que ditaria o futuro: se morria ou vivia.

Abriu a mão e a arma caiu, batendo no cimento esburacado. Um homem racional. Encolhi os ombros como que a pedir-lhe desculpas e bati-lhe com a coronha da arma na têmpora direita. Não foi fatal, mas suficiente para me dar tempo a uma saída airosa. Agradecer-me-ia na manhã seguinte, assim que recuperasse os sentidos.

Peguei na arma de Zoran assim que ele caiu no passeio. Depois olhei para a rua. Caroline desaparecera. Se fosse esperta, esqueceria o carro e os 15 mil dólares e desapareceria na noite. Mas, até ali, as suas ações não se tinham caracterizado por uma superabundância de bom senso.

Os gritos da rua aproximavam-se e recordei-me do terceiro homem a menos de um quarteirão de distância, que teria certamente escutado os tiros. E que seria a única pessoa das proximidades a não usar o telemóvel para chamar a polícia.

Meti as duas *H&K* no bolso e dirigi-me rapidamente ao contentor mais próximo. Empurrei-o para trás de modo a apoiá-lo na parede de estuque. Depois icei-me para cima dele, equilibrei-me e saltei na vertical.

Agarrei a beira do telhado com as duas mãos, subi para o parapeito e rolei para me pôr de pé. Lá de baixo chegou-me um grito e vozes alteradas. Acocorei-me e arrisquei-me a olhar para baixo, para o beco. Havia três pessoas à entrada e um deles era o homem de Zoran, o terceiro homem que eu vira antes à porta do bar.

As outras duas pessoas eram um casal de meia-idade, turistas, pela maneira de vestir. Era a mulher que gritava.

— Oh, meu Deus! Estará morto?

O marido acocorara-se ao lado de Zoran, verificando-lhe a pulsação. O terceiro homem, muito nervoso, olhava para a rua, com a mão direita metida no bolso do casaco. Baixei-me e rastejei antes que ele olhasse para o sítio certo. Levantei-me quando me afastei o suficiente da beira do telhado e corri na direção da linha de placas que cobriam o bar. As solas dos meus sapatos eram praticamente silenciosas sobre o telhado de cimento macio, gasto por dez mil dias de sol. O telhado era um retângulo comprido e liso, colado ao acaso e interrompido pelas saídas da ventilação do ar condicionado. Estendia-se por algumas dezenas de metros até ao ponto em que interrompia a fila de estabelecimentos comerciais ao longo da estrada principal, dos quais o bar fazia parte. Para lá da beira desse quarteirão, avistei a parte superior das palmeiras que ladeavam a estrada.

Ganhei velocidade ao dirigir-me para o extremo do telhado, recordando, enquanto corria, a rua do bar. Calculei que o carro de Caroline estivesse estacionado junto à palmeira mais alta na minha linha de visão. Ela levava um bom avanço, mas o meu caminho era mais direto.

Cobri a distância em segundos, grato pela explosão de energia, depois de dias passados em aviões, em carros e sentado em bares. Ouvi o ruído de uma sirene da polícia algures atrás de mim. Cheguei-me à beira do telhado e espreitei. O meu cálculo fora exato. O carro vermelho estava estacionado diretamente por baixo e Caroline Church ainda não chegara a ele.

Porém, aproximava-se a toda a pressa. Corria descalça, com as botas na mão esquerda, enquanto retirava as chaves da mala. Voltei-me e olhei para o lado oposto da rua, esperando que o terceiro homem aparecesse à esquina a qualquer momento. Pequenos grupos de pessoas começavam a aparecer na rua lateral, atraídos pelo movimento, um pouco mais acima, como limalha de ferro por um íman. Porém, nem sinais do terceiro homem. Por enquanto.

Caroline Church chegou ao carro, manobrou com alguma dificuldade o comando das chaves, encontrou por fim o botão certo que fez as luzes piscarem e desbloquear as fechaduras com um som metálico. Recuei dois passos para arranjar espaço e, a seguir, atirei-me do telhado para o tejadilho do carro de onde deslizei para o passeio entre ela e o carro.

— Eu conduzo.

Caroline susteve a respiração, olhou para trás, para a rua de onde viera e depois para mim. Parecia irritada.

— Mas quem é o senhor? E como sabe...

— Ei!

O grito, vindo de outra direção, obrigou-me a voltar a cabeça. O terceiro homem corria para nós, com a mão direita metida no bolso do casaco. Era óbvio que assistira ao sucedido ao seu patrão e queria afastar-se das proximidades antes da chegada da polícia.

Abri a porta e arranquei as chaves da mão de Caroline enquanto entrava no carro. Meti-as na ignição e Caroline ocupou o lugar do passageiro e fechou a porta com força. O motor começou a funcionar suavemente no preciso momento em que o nosso perseguidor chegava junto a nós, aproximando-se o suficiente para bater no tejadilho amolgado antes que eu me afastasse do passeio.

Estendi a mão e empurrei para baixo os ombros de Caroline, inclinando-me também e lançando olhares para o retrovisor enquanto acelerava. O homem continuava no passeio onde o deixáramos. Não tirara a arma do bolso do casaco. Quando voltámos na primeira esquina à esquerda, pensei que não quisesse abusar da sorte depois do que fora uma noite má para a sua equipa.

Resisti ao impulso de carregar no acelerador, mesmo com as ruas vazias. O homem número três levaria apenas uns minutos a chegar ao carro, se é que o tinha. Dando algumas voltas ao acaso, poderia assegurar-me de que a pista desapareceria. A última coisa que desejava era chamar a atenção para um carro a sair da cena de um tiroteio. Percorri uma série de estradas secundárias antes de entrar na South Federal Highway. Quando nos distanciámos quase dois quilómetros do bar, abrandei e comecei a prestar atenção às placas.

— Muito bem. Quem raio é você? A sério!

— Já lhe disse.

— Tretas. Não é consultor. E porque me seguiu? Gosta de perseguir mulheres? É assim que se excita?

Vi a placa da A1A. Fort Lauderdale era território virgem para mim, mas recordava-me, do dia anterior, que aquela estrada me levaria aonde eu pretendia ir.

— Como queira — disse eu. — Tem-se em grande conta, não é verdade, Caroline?

— Sabe o meu nome? Claro que sabe o meu nome. — Franziu a testa. — O meu pai mandou-o, certo? Que fez ele? Pagou-lhe para me raptar?

Voltei para oeste na A1A e dei atenção às placas das saídas. Embora não conseguisse vê-lo, sabia que o Atlântico ficava mesmo em frente, por baixo de um céu noturno cor de laranja sujo.

— Não rapto pessoas. O seu pai contratou-me para a encontrar e para que eu lhe garantisse que estava em segurança. Não tenho a certeza de poder cumprir a segunda parte. E você?

Ela nada disse. Limitou-se a morder o lábio com ar petulante.

— Aposto que, neste momento, voltar a Boston e à sua generosa mesada parece-lhe agora um pouco mais atraente. A sério, roubou 15 mil dólares a um gângster da Florida?

— O meu pai suspendeu-me a mesada. Uma mulher tem de comer.

Vi a saída que pretendia, abandonei a autoestrada e enfiei para a Sebastian Street.

— Deu um nome falso num hotel ontem à noite. O fulano que lhe vendeu o carro não pediu para ver a sua identificação. Ainda bem. Disse a alguém o seu verdadeiro nome?

Ela ficou por momentos em silêncio, depois abanou a cabeça com maus modos.

— Ainda bem — disse eu. — Se mentir, seja consistente. Muito bem. Vou livrar-me do carro e das armas. Mais uma vez, não posso dizer-lhe o que fazer, mas se tem mais de duas células a funcionar no cérebro, vai meter-se com o seu pai no avião para Boston.

— O meu pai está *aqui*? — Parecia horrorizada.

Vi o edifício que queria e estacionei o carro junto ao passeio, a poucos metros da porta principal do Sunnyside Beach Resort. Tirei o telemóvel do bolso e marquei um número das últimas chamadas. Atenderam-me ao primeiro toque.

— Blake... há novidades?

— Sr. Church, estou à porta do hotel com a sua filha. — Olhei para ela, ao dizer isto, quase à espera de que fugisse outra vez. Parecia gostar muito de correr. Mas ela não se moveu, revirou os olhos e decidiu-se pelo menor dos dois males.

— Graças a Deus. Ela está bem?

— Está inteira.

— Graças a Deus. Graças a *si*, Blake. Vale os honorários. Diz que está aí em baixo neste momento?

— Exatamente. Se descer, tenho a certeza de que os dois podem resolver a questão.

— Desço imediatamente.

Olhei para Caroline Church. Conhecia-a há 25 minutos, e já me custara um ano de transtornos.

— Depressa.

**DOMINGO**

# 4

## LOS ANGELES

O homem do boné de basebol conduziu noite fora. A chuva abrandara uma hora antes, deixando as ruas brilhantes e encharcadas. Conduzia com cautela, mas não demasiada, sabendo que não deveria passar sinais vermelhos ou exceder o limite de velocidade, o que poderia chamar a atenção para um veículo como aquele. Se tudo corresse bem, não haveria problemas, pois a sorte favorece os espíritos preparados. O pneu sobressalente substituíra o que ficara feito em tiras e demorara-se a confirmar que não havia estragos na carroçaria e que os faróis estavam operacionais. O depósito estava ainda a um quarto, o que era mais do que o suficiente para o levar para onde ele queria, deixando o bastante para a viagem seguinte do carro.

O relógio do tabliê marcava uns minutos para as 5 horas, o que significava que faltava quase uma hora para o sol nascer. Ao aproximar-se do destino, teve o cuidado de não baixar a guarda, mantendo-se vigilante em relação aos carros que, de vez em quando, surgiam à sua frente e no espelho retrovisor.

As pessoas que não vivem em Los Angeles gostam de se queixar de que é sempre o mesmo: uma enfiada de ruas, todas idênticas. Não é verdade. Naquela mesma noite, ele passara por condomínios fechados e pacíficas localidades suburbanas. Encontrara maravilhas arquitetónicas e o betão cinzento e utilitário dos prédios de apartamentos dos anos 1960. Agora a geografia alterava-se mais uma vez. Pátios cheios de ervas, gradeamentos quebrados, *graffiti* de gangues. Prédios de apartamentos rodeados por grades de ferro, comunidades fechadas de um tipo diferente. Duplexes degradados com os números das portas pintados a *spray*. Aqui e ali, viam-se propriedades, com melhor manutenção, com a relva aparada e portas recém-pintadas. Sabia que a maioria das pessoas perguntaria a si própria porque se incomodariam em fazê-lo, mas ele compreendia. O simples prazer de uma pessoa se orgulhar de si própria e do seu trabalho enquanto tudo o resto ia para o diabo.

O caráter específico daquele bairro foi uma distração momentânea, por isso os seus olhos mantiveram-se firmes na estrada.

Se fosse mandado parar pela polícia de trânsito durante a viagem, o mais provável seria naquele local. O *Porsche* prateado destacava-se como uma escultura de Miguel Ângelo num aterro. Mas fora exatamente isso que aqui o trouxera. Era assim que conseguiria fazer o carro desaparecer durante algum tempo. Viu uma curta fila de lojas, alguns bancos de crédito fácil, um estabelecimento vazio e outro de bebidas alcoólicas. Dois hispânicos de vinte e poucos anos olhavam um para o outro no passeio.

Pareciam embriagados e estavam envolvidos naquilo que era um debate aceso ou o início de uma luta. O mais alto, de camisa sem mangas tinha os braços cobertos de tatuagens.

O homem do boné de basebol estacionou e puxou o travão. Deu uma última olhadela ao interior. Os assentos de cabedal estavam impecáveis, não havia nada por baixo do banco, nada no porta-luvas.

Abriu a porta e saiu, deixando as chaves na ignição e o motor a trabalhar. Os dois homens repararam nele, na incongruência do *Porsche* e do seu condutor, o que os distraiu da discussão.

— Ei, meu — disse o das tatuagens. — Grande máquina.

Disse-o como se ponderasse se queria ou não que a afirmação fosse uma ameaça.

O homem do boné de basebol limitou-se a cobrir ainda mais o rosto com a pala.

Quando passou pelos dois homens, o tatuado aproximou-se para o interceder, agarrando-o por um braço.

— Estou a falar contigo, meu.

O homem do boné de basebol deteve-se, olhou para os dedos que lhe agarravam o braço e ergueu de novo a cabeça de modo a fitar o homem tatuado. Este pestanejou e abriu os dedos como se tivesse neles uma mola.

Continuou a olhar para ele sem pestanejar.

O homem tatuado examinou o *Porsche*, ainda com o motor a trabalhar e depois olhou em volta como que para dizer: *estás a ver este lugar?*

— Vais deixar isso aqui? Espera lá. Estás passado?

— Que caraças, Luis — disse o mais velho, mantendo a distância dos outros dois.

O homem deu meia volta para se afastar dos dois bêbados e recomeçou a caminhar, com os passos a transportarem-no a pelo menos

a 6 quilómetros à hora. Poucos metros tinha avançado quando ouviu a porta do *Porsche* fechar-se e o motor voltar a trabalhar. Continuou a caminhar, ao ouvir os pneus rolares na superfície húmida e dirigirem-se na direção oposta. Continuou a andar escutando o som do poderoso motor de seis cilindros, que aumentou, para logo desaparecer no ar.

O homem do boné de basebol caminhou dez quarteirões para norte até o céu começar a revelar os primeiros vestígios de luz no horizonte.

Mais um ou dois quilómetros, apanharia um autocarro e sentar-se-ia anónimo por entre os azarentos trabalhadores do turno do domingo de manhã. Desceria a um ou dois quilómetros de casa e faria o resto do caminho a pé.

E depois? Um duche, talvez algo para comer e depois dormir. Seria bom conseguir descansar. Fora mais uma noite animada.

# 5

## LOS ANGELES

*Um homicídio de domingo de manhã e uma ressaca nunca são boa combinação*, pensou a detetive Jessica Allen. Como era aquela canção de Johnny Cash? Qualquer coisa acerca de não haver um ponto na cabeça que não lhe doesse.

Ir à festa de aniversário do amigo de Denny fora má ideia e beber tudo o que tinha bebido uma ideia ainda pior. Não era seu hábito, mas apercebia-se que, ultimamente, vinha a acontecer com alguma frequência. Seria fácil culpar o trabalho e conhecia muita gente que o faria, mas sabia que não era esse o problema. Bebia um pouco mais porque passar tempo sóbria com o namorado se transformara numa maçada. Provavelmente não seria bom sinal. Resolveu mudar alguma coisa, o que era fácil, tendo a dor de cabeça como incentivo.

Meu Deus, a dor era terrível. A cabeça latejava-lhe tão dolorosamente, que, de uma maneira perversa, ir buscar um cadáver às Montanhas de Santa Monica era considerado um intervalo. Significava ar livre e brisa fresca em vez de ficar a olhar para um computador durante as próximas horas.

Ou, pelo menos, assim seria quando saíssem do maldito carro.

O sol quase terminara de evaporar a humidade da manhã e o ar estava já límpido e quente. Allen fingia olhar pela janela enquanto seguiam para norte, através do trânsito na 405, relativamente escasso para Los Angeles. De facto, limitava-se a descansar os olhos por trás dos óculos escuros. Começou a sentir a agradável atração do sono e combateu-a com certa relutância, voltando a cabeça para olhar para o parceiro no lugar do condutor.

Jonathan Mazzucco era um pouco mais velho do que ela; teria 40 e poucos anos, embora nunca lho tivesse perguntado. Tinha sempre bom aspeto, melhor do que qualquer pai de um bebé de três meses tinha o direito de ter, excetuando algumas olheiras. Nunca havia uma ruga no seu fato, nem aparecia com a barba por fazer. O cabelo nunca parecia mais

curto ou mais comprido. Sempre praticamente rapado. Allen gostava de brincar com o assunto e perguntava-lhe se alterara o penteado desde os anos 1950, mas ele nunca parecera importar-se nem sentir necessidade de responder à letra.

Mazzucco sorria por trás dos óculos escuros. Ou divertido pelo estado frágil de Allen, ou simplesmente porque lhe agradava conduzir sem que, para variar, a sua parceira discutisse.

— Tomaste *Aspirina*? — perguntou, sem olhar para ela.

Allen acenou afirmativamente.

— Quatro.

— Não creio que seja bom tomar quatro de uma vez.

— Podes crer que precisava de quatro. Ainda falta muito?

Deixaram para trás a via rápida e a cidade e dirigiram-se para norte, subindo a Mandeville Canyon Road. Mazzucco fez um cálculo mental.

— Dez minutos. Aguentas?

— Estou bem.

— Pareces bem.

— Vai-te lixar.

Mazzucco riu.

Allen voltou-se para a janela para que ele não a visse sorrir também. Gostava de Mazzucco. Era dos poucos de quem gostava, depois de seis longos meses. Seis meses, e a transição de Washington para Los Angeles estava a ser mais difícil do que a princípio parecera. Não que os outros fulanos dos Roubos e Homicídios fossem exatamente desagradáveis. Excetuando Joe Coleman, a maioria era boa gente. Mas era quase como se houvesse um campo de forças invisível que a mantinha à parte.

Ou talvez fosse antes uma *firewall*, algo que permitia que os outros detetives interagissem com ela e trabalhassem com ela, mas sem deixarem passar algo de exterior. A princípio não a surpreendera, era a reação habitual de uma equipa a um novo recruta. Era ainda mais comum entre os polícias, gente mais desconfiada do que a média, por defeito de profissão. Mas, à medida que as semanas se tornavam meses, começou a perguntar a si própria se o gelo não seria exacerbado pelo facto de ter chegado ao departamento com mais bagagem que os demais. Por vezes, tinha vontade de perguntar a Mazzucco se era verdade que os outros não gostavam dela. Mas apercebia-se sempre dessa sua reação ridiculamente adolescente e afastava a ideia.

A estrada desceu abruptamente e Allen esqueceu mais uma vez as políticas da esquadra. A onda de náusea ergueu-se e recuou, deixando-lhe pensamentos desagradáveis, como destroços numa praia.

— Não é um cadáver em decomposição, pois não?

— Não. Tem um, dois dias no máximo, segundo disseram. Se tiver apenas um dia talvez tenhamos mesmo ideia de quem se trata.

— Sim?

Mazzucco acenou com a cabeça.

— Sarah Dutton. Dada como desaparecida ontem à noite; vive em Mulholland.

— Quanto tempo passou até a darem como desaparecida?

— Desde ontem à noite.

— Então, como é que já sabes?

Allen era curiosa. Ao contrário do que vulgarmente se pensava, não havia um período oficial de espera de 24 horas antes de dar alguém como desaparecido, mas geralmente era assim que funcionava.

— Creio que o pai conseguiu que isto fosse tratado rapidamente.

— Ah — disse Allen. — Vive em Mulholland. E quem é o pai? Produtor de filmes ou isso?

— Não creio que seja essa a atividade — disse Mazzucco. — Embora tenha ouvido dizer que vive na antiga casa do Marlon Brando.

— Essa é nova. Começava a pensar que não havia ninguém nesta cidade que não fosse polícia ou ator desempregado.

Mazzucco sorriu.

— E que tal o novo namorado? Dave, não é verdade?

— Denny — suspirou. — Está tudo bem.

— Ah sim? — As sobrancelhas de Mazzucco ergueram-se por trás dos óculos escuros.

— Não. A sério. O Denny é porreiro.

— Mas...

— Mas creio que ele preferiria que eu fosse uma atriz desempregada em vez de polícia, sabes?

— Allen, há dias em que eu preferia ser um ator desempregado em vez de polícia. Muitos dias.

Allen sorriu e passou uma madeixa de cabelo para trás da orelha. A dor de cabeça era tão intensa que não conseguira fazer o habitual rabo-de-cavalo.

— Como está a Julia? — perguntou a seguir, apenas por delicadeza, pois ele fizera um esforço para perguntar por Denny. Pelo modo como a mulher de Mazzucco a observara quando se haviam conhecido, tinha a certeza de que nem socialmente se dariam bem.

— Está porreira — disse Mazzucco rapidamente, imitando inconscientemente a resposta morna acerca de Denny.

Allen percebia sempre que Mazzucco e a mulher tinham discutido no dia anterior. O parceiro ficava mais calado, menos conversador. Calculava que o casamento de um polícia fosse algo tenso, para mais com a pressão de um bebé pelo meio, o que não seria de admirar. De repente, Allen ficou satisfeita por os seus problemas alheios ao trabalho se resolverem com *Aspirina*.

Mazzucco abrandou e virou para a estrada florestal, cujo piso, no seu início, era irregular e esburacado. Minutos depois, diante de um portão aberto, junto ao ponto em que a estrada se transformava num caminho estreito de terra batida, um polícia de uniforme acenou-lhes para que passassem. Pelo olhar semicerrado que lhes deitou, Allen supôs que estava razoavelmente convencido de quem eles eram, pela marca e modelo do carro, mas que não queria arriscar. Aproximou-se da janela do condutor, que já estava aberta, e Mazzucco mostrou-lhe o distintivo.

— Detetive Mazzucco e Detetive Allen, Divisão de Roubos e Homicídios.

O agente assentiu, disse-lhes que se chamava McComb e pertencia à divisão Oeste de Los Angeles. Depois deixou-os passar.

Mazzucco abrandou para 15 quilómetros à hora quando entraram pelo portão e meteram pelo caminho de terra batida.

O cenário do crime situava-se cerca de 700 metros mais à frente. Duas viaturas identificadas e a carrinha do médico legista estavam estacionadas em fila, na berma do caminho estreito. A colina, pouco inclinada, erguia-se da estrada e o foco de atividade ficava 50 metros mais acima, na encosta. Mazzucco estacionou na berma, saíram e iniciaram a subida, passando por pedras e arbustos com a terra ainda húmida da chuva da noite anterior.

Allen respirava fundo, pelo nariz, grata por poder estar por fim fora do carro. Concluiu que a dor de cabeça tinha tanto a ver com a falta de caféina como com a ressaca e lamentou não ter tido tempo de beber um café bem forte antes de sair da esquadra.

Já ali estavam quatro agentes, rodeando o corpo nu de um indivíduo do sexo feminino. Tinha menos de um metro e setenta, magra, cabelo castanho-escuro, estava de bruços e suja de terra da cabeça aos pés. O médico legista ajoelhou-se junto ao cadáver e raspava a terra das unhas da vítima para dentro de um saco de provas. Na base da coluna via-se a tatuagem de uma borboleta ou fada a tinta negra. Foi a vez de Allen mostrar a sua identificação e de se apresentar, a si e ao seu parceiro. Depois abriu o bloco e começou a anotar os pormenores do cenário do crime para o relatório, ao mesmo tempo que os quatro polícias lhe forneciam.

— Mulher caucasiana, 20 anos, talvez menos. Obviamente sem identificação.

— E isto? — perguntou Mazzucco apontando para a tinta.

O polícia arfou.

— Sim, isso vai restringir a busca.

— Causa preliminar da morte? — perguntou Allen, dirigindo-se desta vez ao médico legista.

Este nem ergueu os olhos.

— Garganta cortada, múltiplos ferimentos, estrangulamento parcial. Pequenas lacerações no rosto e também na parte superior do tronco.

— Foi torturada — disse Mazzucco.

— Sem dúvida.

— Agressão sexual? — perguntou Allen.

— Faremos o exame na morgue. Até lá não há maneira de termos a certeza. Mas não há provas físicas preliminares.

— Muito bem — disse Allen. — Pode voltá-la.

O médico legista fez sinal a um dos agentes, para pedir ajuda. Voltaram o corpo para que este ficasse deitado de costas, realizando a manobra com respeito e cuidado, como se se tratasse de uma pessoa viva que estivesse meramente inconsciente.

Também a parte da frente do corpo estava manchada de terra. Havia feridas de perfurações e cortes sobre o abdómen, muitos deles tapados com terra. Dois cortes diagonais, perfeitamente simétricos, cruzavam-lhe as faces, como que a traçar-lhe o caminho das lágrimas. Tinha os olhos abertos que olhavam sem ver para o bando de intrusos. Allen pensou que seriam cinzentos ou azuis muito claros. De qualquer forma condiziam com a falta de cor do resto do corpo. A garganta estava profundamente cortada de orelha a orelha. Aparentemente por um único golpe.

Quem o desferira não era um principiante. Contudo, o corte tinha bordos estranhamente irregulares, ao contrário das marcas no rosto e no corpo. Allen já vira gargantas cortadas, mais do que gostava de recordar, mas esta parecia algo diferente.

Mazzucco apontou para a terra que sujava o cadáver.

— Estava enterrada quando a encontraram? Parcialmente enterrada, talvez?

O agente que ajudara a voltar o corpo apontou para o local da colina onde um marcador fluorescente estava espetado no solo. Desse ponto até onde se encontravam, podiam ver provas de derrapagem, de terra revolvida.

— A cova estava lá em cima — disse. — Pode ver se quiser. Toda aquela chuva causou um desprendimento de terra. Viu aquela merda ontem à noite? Foi uma loucura.

— Uma loucura — repetiu Allen, com os olhos no corte irregular da garganta da jovem, que era afinal um pouco menos vulgar nesta cidade do que a inclemência do tempo.

— Era de facto uma boa sepultura — continuou, num tom conhecedor. — Metade da maldita encosta veio abaixo ontem à noite, de contrário seria uma das vítimas que nunca encontraríamos.

Mazzucco acenava com a cabeça. As Montanhas de Santa Monica seriam provavelmente o local de mais sepulturas não oficiais dos Estados Unidos. Com exceção do deserto à saída de Las Vegas, claro.

Allen, que se acocorara para examinar as feridas cheias de terra do cadáver, levantou-se e olhou em volta, esquecendo por momentos a dor de cabeça.

— Este não é o local onde o crime foi cometido, pois não?

O médico legista sacudia já a cabeça, desgostoso. O abandono de cadáveres, particularmente em ambientes como este, eram os casos mais difíceis de esclarecer. Não davam a conhecer o local do crime, nem deixavam rasto.

— Mais uma vez, é difícil ter a certeza. Mas não. Creio que é apenas o sítio onde a despejaram.

Allen assentiu.

— Porque é um bom local. De fácil alcance, mas a vários quilómetros das casas mais próximas. Um portão fechado, mas muito pouca segurança. Boa visibilidade em ambas as direções, podendo avistar-se quem

decidisse passar por aqui de carro. Vamos trazer mais gente para continuar a cavar.

— Pensas que há mais? — perguntou Mazzucco. — Mais deste fulano, quero eu dizer.

Allen olhava de novo para o corte irregular na garganta da vítima.

— Garanto.

# SE O SEU CARRO AVARIAR DE REPENTE, TENHA MEDO, TENHA MUITO MEDO...

Após uma noite de tempestade, em Los Angeles, a detetive Jessica Allen é chamada ao local onde houve um deslizamento de terras. O motivo? Uma descoberta macabra: foi encontrado o corpo de uma jovem cujo pescoço foi degolado com um corte invulgar.

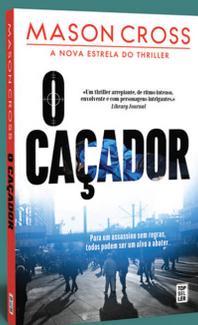
No mesmo dia, são descobertos perto daquele local outros dois corpos mutilados de maneira semelhante. A detetive descobre que se trata da obra de um assassino que opera há mais de dez anos, sem nunca ter sido apanhado. É conhecido como o «Samaritano» e captura jovens desamparadas, cujos carros avariaram, deixando-as paradas e sozinhas na estrada.

É então que Carter Blake aparece para oferecer os seus serviços a esta investigação policial. O secretismo em volta das suas verdadeiras intenções leva a detetive a desconfiar dele. Mas quando o Samaritano prossegue com uma escalada de assassínios, os dois terão de se unir para o deter de uma vez por todas...

«Mason Cross é autêntico e tem a sua própria voz.  
O seu talento único para criar momentos de tensão eleva  
a adrenalina quase até ao limite.»

*Daily Mail*

Leia também:



<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8843-76-0  9 789898 843760 Ficção/Policial
--	--